

PIAGET E A EPISTEMOLOGIA

Jaime Giolo^(*)

A filosofia teria cem vezes razão se reservasse para si os territórios onde a ciência não vai, não quer ir, não pode ir no momento (Piaget)

Resumo

No presente texto, tem-se o propósito de apresentar os principais argumentos de Jean Piaget contra as pretensões cognitivas da filosofia e em favor de uma epistemologia que seja atribuição dos cientistas e trate, exclusivamente, do conhecimento científico. Nele, esquematizam-se os critérios que, na concepção epistemológica do pensador suíço, garantem a possibilidade do conhecimento e sua objetividade. Por fim, buscam-se as aproximações dessa postura epistemológica com as premissas do positivismo e suas derivações.

(*) Professor da Universidade de Passo Fundo, doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo.

1 Introdução

As preocupações epistemológicas de Jean Piaget (1896-1980) podem ser compreendidas com base no confronto entre ciência e filosofia, debate iniciado no final do século passado e que, em última instância, trata de definir quem tem a competência de pronunciar-se sobre os métodos, os pressupostos e a veracidade do conhecimento. Piaget alinha-se ao bloco dos que, em alguma medida herdeiros do positivismo, pretendem despedir a filosofia do *fórum* sobre o conhecimento: conhecimento só existe de um tipo, o científico, e é atribuição dos cientistas produzi-lo e criticá-lo. O próprio termo *epistemologia* foi criado neste século para referir-se ao conhecimento científico e, até certo ponto, para superar a expressão *teoria do conhecimento*, que mantinha uma estreita ligação com a filosofia. De fato, desde suas origens, a filosofia teve, entre outros, o propósito de analisar criticamente o conhecimento em geral, incluindo, depois, quando de sua constituição, o científico. O olhar, neste caso, era dirigido da filosofia (e pela filosofia) à ciência que se submetia à sua arbitragem. Os cientificistas pretendem quebrar essa ordem, para que o conhecimento seja olhado de dentro da própria ciência pelos que a fazem e, por isso, constituem o segmento apropriado para inquiri-la.

2 Filosofia e ciência em Piaget

Na obra *Sabedoria e ilusões da filosofia*, Piaget se propõe a defender a seguinte tese: "a filosofia, de acordo com o grande nome que recebeu, constitui uma 'sabedoria' indispensável aos seres racionais para coordenar as diversas atividades do homem, mas que não atinge um saber propriamente dito, provido das garantias e dos modos de controle que caracterizam o que se denomina 'conhecimento'."⁽¹⁾ Essa tese destinava-se a rebater *certas filosofias*, nascidas no

⁽¹⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 191. Em outras passagens da mesma obra, o objetivo do autor fica mais grave e mais urgente: "lançar um alarme e defender uma posição" (p.196), com a finalidade de acusar e prevenir "abusos cotidianos aos quais seu não reconhecimento [da tese acima explicitada] conduz" (p.103). Piaget está preocupado com as ameaças interiores e exteriores que acabam por retardar "o desenvolvimento das disciplinas que pretendem ser científicas" (p.193). Esses perigos transitam sobre a fronteira que "separa a verificação da especulação" (p.193). Posicionando-se no campo da ciência experimental, Piaget não poupa críticas às pretensões cognitivas da filosofia. Mas adverte

século XIX, que apresentavam seu *conhecimento paracientífico* como se fosse *supracientífico*, ou seja, "um modo *sui generis* de conhecimento superior ao da ciência"⁽²⁾ No entender de Piaget, essa dicotomia (científico *versus* filosófico) chegou a absurdos como "declarar uma noção ao mesmo tempo inaceitável e aceitável ou mesmo necessária, e para os mesmos objetos, mas segundo que se os encare científica ou filosoficamente."⁽³⁾ Exemplo: a idéia de finalidade. Para o biólogo, queixa-se Piaget, é vedada a possibilidade de tratar a questão da finalidade, ao passo que, para a filosofia biológica, é impróprio tratar a vida orgânica sem esse conceito. Isso passa a sugerir que existem dois tipos de verdade: a) uma verdade que procede da verificação e do controle coletivo sobre os procedimentos e os resultados; e b) outra, que desconsidera isso e cuja condição não é mais a "verificação mediante o cálculo ou a técnica acessível a todos, mas o acesso por meio da persuasão ou da conversação, isto é, a aceitação de um sistema."⁽⁴⁾

Ora, se os pressupostos e os métodos são tão diferentes, como se poderá pretender que os resultados sejam os mesmos, ou seja, como se poderá dizer que ciência e filosofia produzem, ambas, conhecimento válido? Piaget distingue claramente o conhecimento (que deriva das atividades científicas) de *reflexão racionada* (que é tudo o que a filosofia pode dar).⁽⁵⁾ Para ele, a

que, em sua trajetória, não foi marcado por preconceitos em relação ao saber filosófico, ao contrário, transitou por ele com grande entusiasmo, desde a juventude, e sempre manteve bom relacionamento também com muitos filósofos. Embora, desde os 11 anos, quando foi auxiliar do zoologista Paul Godet, tenha-se encantado pela biologia, em seguida, por influência do padrinho e lendo a *Evolução Criadora* de Bergson, concebeu que dedicaria sua vida à filosofia. Teve, porém, uma *desconversão progressiva* à medida que: 1) ensinando filosofia, viu com que facilidade se podem ajustar argumentos de forma a tornar evidente uma tese duvidosa (com efeito, a reflexão especulativa não é passível de controle pela experimentação ou pela dedução regulada); 2) tomou consciência da "surpreendente dependência das correntes filosóficas em relação às transformações sociais e mesmo políticas" (p.203); e 3) deu-se conta de que não falava mais a linguagem dos filósofos (cf. p.202-203).

(2) J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 247.

(3) Ibid., p. 247.

(4) Ibid., p. 248.

distorção existente no entendimento desta problemática tem a ver com uma série de fatores que, cada um à sua maneira, acabaram forjando a idéia de que a filosofia é um conhecimento verdadeiro e especial. Entre eles:

a) *A procura do absoluto*: Com Kant, iniciou-se o conflito entre ciência e filosofia. A crítica kantiana limitava a razão teórica ao âmbito da experiência, mas os que buscavam o absoluto tentaram ver nas estruturas *a priori* mais do que um quadro epistemológico; viram o próprio poder do pensamento filosófico elevar-se acima da ciência. O mal não está nas especializações do saber e nem nas diferenciações (superior-inferior) dele. No seio da própria ciência isso acontece. O problema está em reduzir a ciência ao espaço fenomênico para "facilitar a crença na possibilidade de um modo de conhecimento específico e superior" a ela. Isso pode dar lugar a atitudes puramente especulativas.⁽⁶⁾

b) *A reação ao materialismo dogmático*: Alguns homens de ciência do século passado quiseram extrapolar seus limites e estabelecer uma metafísica, caindo num materialismo vulgar que a filosofia tratou de combater. Isso justificou, psicologicamente, a necessidade de um conhecimento específico e supracientífico que, apesar do sucesso fácil, chegou a resultados muito

⁽⁵⁾ Piaget explica melhor o que entende por filosofia: "é uma tomada de reflexão racionada em relação à totalidade do real" (J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 221). O termo "racionada" opõe a filosofia às tomadas de posição puramente práticas ou afetivas ou ainda às crenças... (p.221). E *totalidade do real* exprime: 1) "o conjunto das atividades superiores do homem" (conhecimento, moral, estética, fé...); 2) a possibilidade de existência de uma realidade última, uma coisa-em-si, para além dos fenômenos; 3) a possibilidade de "uma abertura no conjunto dos possíveis" (cf. p. 221). Note-se que o que intriga, sobremaneira, a Piaget é o fato de a filosofia estabelecer-se como um conhecimento superior e guardião da verdade. Filosofia não é conhecimento: é *sabedoria, coordenação de valores, fé racionada*, dirá em outro lugar (p. 195). Sua função é tratar das questões que a ciência ainda não está em condições de abordar com segurança, mas deve deixar as fronteiras sempre abertas para que a ciência possa atravessá-las a todo o momento, de acordo com suas novas possibilidades.

⁽⁶⁾ Cf. J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 249-250.

discutíveis.⁽⁷⁾

c) "O desejo de assegurar à coordenação dos valores e à fé raciocinada um modo de conhecimento metafísico independente da ciência e superior a ela"⁽⁸⁾: Lança-se mão, portanto, da introspecção na busca de um *eu metafísico* que apenas seria tocado exclusivamente por essa atitude introspectiva. Errado: para Piaget, a experiência interior pode ser tratada cientificamente, como qualquer outra.

d) O "romantismo, orientado cada vez mais para o irracionalismo": Já presente nos grandes alemães (Fichte, Schelling, Schopenhauer...), fortifica-se, após a Primeira Guerra, com Bergson e, após a Segunda, com o existencialismo. Para manter o *status* de conhecimento superior, a filosofia deveria abarcar o próprio irracional. Surge daí o conhecimento pela intuição que gerou a "ilusão psicológica fundamental" que consiste em "procurar um começo absoluto do conhecimento em uma tomada de consciência elementar".⁽⁹⁾

e) Um fator de ordem sociológica: "Desde que a filosofia corresponde a uma profissão difundida, considerada e acantonada em uma Faculdade cada vez mais estranha, pela força das coisas, à das Ciências, é lógico que a iniciação direta a essa disciplina, sem nenhuma preparação científica prévia, salvo no nível do segundo ciclo, conduz a hábitos de pensamento que favorecem a convicção de uma independência radical do conhecimento filosófico."⁽¹⁰⁾ Toma corpo, portanto, a especu

⁽⁷⁾ Cf. J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 251.

⁽⁸⁾ Ibid., p. 251.

⁽⁹⁾ Ibid., p. 252.

⁽¹⁰⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 253. Na França, esse problema é maior. Aí a filosofia desempenhou um papel destacado na coordenação dos valores para o estabelecimento do ensino laico e, como recompensa, ganhou o crédito da sociedade para

lação, sem um estabelecimento das "condições epistemológicas prévias duma reflexão filosófica."⁽¹¹⁾

O conhecimento paracientífico com o qual Piaget quer acertar contas é o que se ocupa da crítica à ciência⁽¹²⁾; o bergsonismo e, sobretudo, a fenomenologia.⁽¹³⁾ O ponto de partida dessa forma de pensar é o estabele

encastelar-se nas instituições e atrapalhar a vida da ciência, sobretudo da psicologia. Tudo o que esta tem conseguido, na França, foi com seu próprio esforço, sem o apoio das instituições oficiais e contra os poderes da filosofia (cf. p. 211-212).

⁽¹¹⁾ Ibid., p. 253.

⁽¹²⁾ Um bom exemplo dessa crítica à ciência está em Merleau-Ponty. Escreve ele: "Tudo o que sei do mundo mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significam" (M. MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da percepção*, p. 6). Imaginar que, através da ciência, que se ocupa de aspectos específicos da realidade, se pode chegar a entender o sentido profundo a vida humana é um grande equívoco. "As perspectivas científicas segundo as quais sou um momento do mundo são sempre ingênuas e hipócritas, porque subentendem, sem mencioná-la, esta outra perspectiva, a da consciência, pela qual primeiramente um mundo se dispõe em torno de mim e começa a existir para mim. Retornar às coisas mesmas, é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio" (ibid., p. 7). Aos fanáticos do cientificismo, Merleau-Ponty lembra: "trata-se de descrever, e não de explicar nem de analisar" (ibid., p. 6).

⁽¹³⁾ Para Merleau-Ponty, a fenomenologia "é uma filosofia transcendental que coloca em suspense, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia segundo a qual o mundo está sempre 'aí' antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um 'status' filosófico" (M. MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, p. 5). Retoma, portanto, a seu modo, os grandes conceitos de Husserl (1859-1938): *Epoché* (Redução fenomenológica) e *Lebenswelt* (Mundo-vivido). Com o primeiro termo, Husserl pretendia, a exemplo de Descartes e sua *dúvida metódica*, suspender todos os nossos conhecimentos científicos ou filosóficos, bem como todos os juízos transmitidos pela convivência cotidiana, enfim, tudo o que a tradição e a cultura sedimentaram *como certo* em nosso modo de pensar, para poder penetrar numa esfera nova, em que o contato com o *objeto puro* possibilitasse a experiência transcendental, isto é, o contato com as essências. Pelo segundo termo (*Lebenswelt*), Husserl estabelecia o mundo como horizonte de todas as experiências possíveis; o *espaço-tempo* de todas as coisas que não é passível de experimentação ou predicação, porque, sendo condição de todos os acontecimentos, ocupa uma esfera anterior a qualquer experiência e a qualquer predicado. "O mundo-da-vida é aquilo que se compreende por si, que é evidente. Ela [a teoria do mundo-da-vida] não

cimento de uma dicotomia do real: o que é passível de experiência científica e o que permanece acessível apenas à filosofia, através da intuição.⁽¹⁴⁾

Bergson (1859- 1941), por exemplo, faz a seguinte distinção entre inteligência e instinto central (intuição, sua extensão): a inteligência só se aplica à matéria e ao espaço. O conhecimento científico trata, pois, de fenômenos empíricos, utilizando a inteligência, criando conceitos, fragmentando analiticamente, espacializando e fixando a realidade. Não pode apreender a essência do real, que só se manifesta imediatamente ao instinto e à intuição. A intuição permite o mergulho na duração pura, na intimidade do real concreto.

Piaget, através de sua teoria da formação da inteligência, pretende mostrar o quanto as idéias de Bergson estão equivocadas. As etapas da formação da inteligência (senso-motriz; pensamento representativo e operações concretas; operações formais e hipotético-dedutivas) demonstram que o instinto não é algo absolutamente diferente e oposto à inteligência, ao contrário, "constitui uma espécie de lógica dos órgãos"⁽¹⁵⁾ e serve de base às etapas posteriores. Bergson afirma que a inteligência nasceu da ação sobre a matéria; Piaget diz que não só da ação sobre a matéria, mas sobre a ação em geral. Nesse sentido, a oposição que Bergson vê entre inteligência lógico-matemática e vida não tem sentido para Piaget, que considera que essa inteligência provém das operações do sujeito e é, em última instância, um fenômeno biológico. Existe relação entre a auto-regulação biológica e a auto-regulação mental (a matemática se adapta à física). E a intuição (ou o instinto que toma consciên-

precisa e não há muletas para ter acesso ao mundo-vivido. Ela não é uma sabedoria sobre a vida. É a coisa mais simples que Husserl criou para mostrar que de fato a ciência, que trabalha com nossas experiências, não atinge um certo universo. Um universo que seria a vida, mas que Husserl, à medida em que ele criou o termo, passou a ser o universo anterior à experiência, portanto, ante-predicativo" (Ernildo STEIN, *Problemas do conceito de mundo-vivido em Husserl*, p. 26).

⁽¹⁴⁾ "... Toda uma corrente de idéias nascida no século XIX apenas, e da qual Husserl é o mais ilustre representante contemporâneo, tende a restituir à filosofia um modo de conhecimento específico e de natureza que se poderá chamar, segundo as posições de cada um, supracientífico ou paracientífico" (J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p.195).

⁽¹⁵⁾ Ibid., p. 259.

cia de si mesmo) que, para Bergson, atingiria as realidades próprias da vida, na medida em que se desprendesse dos hábitos, da linguagem e da vida social, para Piaget, não é outra coisa que um pensamento refinado (uma inteligência sutil, resultante de análises conduzidas reflexivamente).

A Husserl (1859-1938) Piaget trata com maior consideração, mas não com menos rigor. No entender do epistemólogo suíço, Husserl não pretende deslegitimar a ciência, mas estabelece campos em que os diversos saberes atuam. Seu mérito maior está em ter superado o idealismo (ou o apriorismo kantiano),⁽¹⁶⁾ o empirismo e o positivismo, evitando a separação entre sujeito e objeto. As suas intuições colocam o pensamento diante dos fenômenos, interação indissociável entre sujeito e objeto (a consciência é sempre consciência de alguma coisa).⁽¹⁷⁾

⁽¹⁶⁾ A fenomenologia combate severamente o idealismo que imagina ser o sujeito construtor da realidade. "O mundo está aí antes de qualquer análise que eu possa fazer dele e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que religariam as sensações, depois os aspectos perspectivos do objeto, ainda que umas e outras sejam justamente os produtos da análise e não devam ser realizadas antes dela" (M. MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da percepção*, p. 8). À consciência cabe reconhecer o mundo, aquém de suas próprias operações e não, como queria Kant, julgar que possa constituir o mundo por suas operações. "O real é um tecido sólido, não espera nossos juízos para anexar os fenômenos mais surpreendentes nem para rejeitar nossas imaginações mais verdadeiras. A percepção não é uma ciência do mundo, não é mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela está pressuposta por eles" (Ibid.). Aos fanáticos idealistas, Merleau-Ponty reitera: "o real deve ser descrito, e não construído ou constituído" (Ibid.).

⁽¹⁷⁾ Existe, para a fenomenologia, a consciência; e existe o mundo objetivo. Dois aspectos ontologicamente diferenciados: não se pode dizer que a consciência seja um objeto (ela é um fenômeno) e não se pode dizer que o mundo, sendo objeto, seja mera produção da consciência. São dois pólos, com suas especificidades, mas não absolutamente separados, não fechados um para o outro, não isolados. Dá-se um encontro, a meio caminho, entre consciência e mundo pelo fato daquela ser intencional por natureza. A consciência é sempre consciência de alguma coisa, garante a fenomenologia. "Desenvolvendo tal concepção, Husserl chega à noção de que a consciência é constituída por atos (noesis) com os quais visa algo (noema), e que há, assim, uma unidade entre os atos do conhecimento e seus correlatos, o que resolveria a velha dicotomia entre sujeito e objeto" (*História do pensamento* (Vol. 4): *cultura contemporânea*, p. 666). A intencionalidade possibilita um encontro entre a consciência e o mundo, enquanto objeto uno e idêntico, apesar da variedade de perspectivas e da multiplicidade de fenômenos que possam fazer parte do universo perceptivo. É certo que é possível também aquilo que Husserl chama de "análise

No seu todo, contudo, a fenomenologia é inaceitável, conforme entende Piaget. O principal problema é o "atualismo" fenomenológico (ausência das dimensões da história ou da genética); a grande lacuna da fenomenologia. Piaget critica Husserl por ter esquecido que a relação sujeito-objeto, sob o ponto de vista do fenômeno, é histórica. A fenomenologia parte da consciência adulta e atual e vai cavando em profundidade até fugir do espaço e do tempo e aí ocupar-se das essências. Mas, para Piaget, há uma gênese nessa relação, tanto filogenética, quanto ontogenética (uma "redução fenomenológica aos poucos").⁽¹⁸⁾

O principal problema da fenomenologia é, porém, o método. A intuição não conduz ao conhecimento.

...Se eu observar a mim mesmo, as "intuições" que experimento, primeiro não vejo nada que não seja elaborado, em lugar de assistir aos processos de formação; e depois, o que vejo está de tal forma ligado às idéias que tenho sobre o assunto e sobretudo tão dependente das intenções de encontrar isso ou aquilo, que se torna inteiramente impossível traçar com certeza a fronteira entre as "intuições" do introspector e as intuições do introspectado⁽¹⁹⁾.

Diferentemente, o método experimental cuida para que o "sujeito que estuda essa intuição não seja sempre o mesmo que aquele que a experimenta."⁽²⁰⁾ Há, neste caso, controle sobre o conhecimento.

objetiva", própria da prática científica e que se atém à decomposição dos objetos em suas partes; mas a "análise intencional" verifica a remissão que uma coisa faz em relação à outra, de modo que a totalidade seja, enfim, contemplada. "A percepção remete a um objeto percebido; nesse objeto, o lado que me é dado remete a um lado que não é dado; e o objeto todo remete a um horizonte de outros objetos que estão implicados no objeto atual de minha consciência; enfim, todos eles remetem ao mundo, que é o horizonte geral de minha experiência" (Ibid.).

⁽¹⁸⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 265.

⁽¹⁹⁾ Ibid., p. 268. Em outra parte da mesma obra, afirma Piaget: "... A evidência intuitiva significa simplesmente a certeza subjetiva" (p.208).

⁽²⁰⁾ Ibid., p. 268.

A intuição, como o único instrumento do conhecer filosófico, não serve como busca da verdade. "...A verdade não adquire seu valor próprio senão encarnando-se em regras necessárias de verificação."⁽²¹⁾ Os instrumentos intuitivos servem como fontes de avaliação, mas não como aferição da verdade. Seu estabelecimento como forma supracientífica de conhecimento constitui "a ilusão central das filosofias."⁽²²⁾

Bergson e Husserl confluem na tentativa de fundir fato (objeto empírico - fenômeno da indução) e norma (operação lógica necessária - fenômeno da dedução). "Uma coisa é dizer que o fenômeno resulta de uma ligação indissolúvel entre o sujeito e o objeto e outra é dizer que a intuição do fenômeno e de tudo o que se encarrega de encontrar nele comportam uma ligação indissolúvel entre os elementos normativos do sujeito e os elementos de fato relativos ao objeto"⁽²³⁾. Tanto filogeneticamente, quanto ontogeneticamente, ocorre uma divisão clara entre os dois aspectos. A ciência se atém à interpretação experimental, mas nem por isso se pode acusá-la de ignorar o homem, o ser e a significação dos fatos. Piaget garante que:

a) a ciência pode estudar o homem (desde que diferente do eu individual): o homem enquanto sujeito;

b) a ciência não ignora o ser, mas não pretende captar as essências por artifícios arbitrários. "...de todos os caminhos que conduzem ao Ser, o parecer talvez seja ainda o mais seguro"⁽²⁴⁾;

c) a ciência não se limitou jamais a colecionar fatos: "a coordenação dos fatos e das leis, a simulação de modelos, a elaboração da teoria, são outros tantos passos pelos quais se constitui a significação. E não é duvidoso que, por mais 'delimita-

⁽²¹⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p.272.

⁽²²⁾ Ibid., p.272.

⁽²³⁾ Ibid., p. 270.

⁽²⁴⁾ Ibid., p.271.

dos' que sejam os problemas, essa significação seja ordinariamente mais profunda que a atingida pela intuição direta.⁽²⁵⁾
Por outro lado, existem a psicologia da conduta e a lingüística que estudam o sentido em profundidade.

Combatendo a fenomenologia e seu método intuitivo, Piaget, em última instância, quer desmontar as pretensões epistemológicas da filosofia. "A função metafísica, própria à filosofia, leva a uma sabedoria e não a um conhecimento, porque é uma coordenação raciocinada de todos os valores, inclusive cognitivos, mas ultrapassando-os sem permanecer no plano do conhecimento apenas."⁽²⁶⁾ Por outro lado, "tudo o que foi produzido de válido pelos filósofos no terreno do próprio conhecimento, e não sonhamos absolutamente em contestar sua imensa importância, foi devido a uma reflexão sobre as ciências já constituídas ou em vias de constituição, ou a felizes iniciativas, antecipando a possibilidade das ciências ainda a se constituírem..."⁽²⁷⁾

3 Os fundamentos do conhecimento

Sabe-se que uma das grandes ocupações, talvez a principal, de Piaget foi a de construir uma epistemologia apropriada à ciência, uma epistemologia, também ela científica. Isso requer que sejam estabelecidas as condições de validade do conhecimento científico, tanto em relação às suas possibilidades quanto em relação à garantia de objetividade. Através de intensa pesquisa empírica, Piaget fundou a chamada epistemologia genética, considerando dois pontos fundamentais: a própria constituição do conhecimento (sócio e psicogeneticamente), o emprego do método experimental e o controle intersubjetivo dos resultados.

Com relação ao primeiro ponto, Piaget, fiel ao imperativo da verificação, procura encontrar (ou construir) uma base de experimentação própria para a epistemologia. Seu empenho em pesquisas de caráter biológico e psicológico tem que ser visto tomando-se por base essa preocupação, fundamental-

⁽²⁵⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 275.

⁽²⁶⁾ Ibid., p.271.

⁽²⁷⁾ Ibid., p. 271.

mente epistemológica. O objetivo é apreender o processo de organização das estruturas mentais na dialética que mantém com o mundo exterior⁽²⁸⁾. Nessa relação, também chamada de assimilação-acomodação (de acordo com as determinações do sujeito em relação ao objeto ou do objeto em relação ao sujeito), vão se montando os esquemas assimiladores, as estruturas de pensamento e o funcionamento geral do aparelho mental, perseguindo incansavelmente o equilíbrio entre as duas esferas: é a famosa auto-regulação⁽²⁹⁾.

Postos o problema do equilíbrio e o problema das estruturas, é preciso detalhar melhor o que Piaget pensa sobre isso.

Existem estruturas físico-orgânicas e estruturas mentais que se processam pelo seguinte movimento: gênese -> estrutura equilibrada -> gênese de estrutura seguinte. Ou, nas palavras de Piaget, "toda a gênese atinge uma estrutura e toda a estrutura é uma forma de equilíbrio terminal comportando uma gênese"⁽³⁰⁾, a da equilibração seguinte e assim sucessivamente. Desse modo, o processo mental pode ser explicado pela sucessão de estruturas, partindo do nível sensório-motor e chegando ao nível das operações formais, passando pela equilibração das operações concretas e de suas variantes. É importante destacar que, nesse percurso, afirma-se a tendência que vai distinguindo, progressivamente, a atividade real (motora, mecânica) da atividade imaginária (mental, intelectual). De uma indiferenciação inicial, a criança

(28) "De uma maneira geral, o organismo assimila incessantemente o meio à sua estrutura ao mesmo tempo que acomoda a estrutura ao meio, a adaptação podendo se definir como um equilíbrio entre tais trocas" (J. PIAGET, *Problemas de psicologia genética*, p. 419).

(29) "Os esquemas da inteligência sensório-motora podem ser interpretados por um equilíbrio progressivo entre a assimilação e a acomodação e podemos prosseguir essa descrição funcional nos níveis pré-operatórios e operatórios do pensamento mesmo" (J. PIAGET, *Problemas de psicologia genética*, p. 420). Sobre a auto-regulação, escreve, em outra obra: "A auto-regulação parece constituir ao mesmo tempo um dos caracteres mais universais da vida e o mecanismo mais geral comum às reações orgânicas e cognitivas" (J. PIAGET, *A epistemologia genética*, p. 163).

(30) PIAGET, *A epistemologia genética*, p. 220. É preciso deixar claro que, para Piaget, as estruturas não são algo dado para sempre, fixo, transcendente. Ao contrário, "a fecundidade particular das interpretações fundadas na auto-regulação é que se trata de um funcionamento constitutivo de estruturas e não de estruturas já feitas no seio das quais bastaria procurar aquelas que conteriam de antemão no estado pré-formado tal ou qual categoria de conhecimentos" (ibid., p. 165).

alcança, ao poucos, um alargamento da capacidade simbólica e conceitual e, no estágio final, as operações formais manipulam campos de possíveis, indo muito além da operatividade concreta da experiência⁽³¹⁾.

Na sucessão dos estágios mentais, entram, como elementos integrantes, 1) componentes hereditários, 2) a maturação do aparelho biológico (a configuração das operações mentais obedece ao processo de maturação fisiológica do indivíduo), 3) a experiência do indivíduo (de modo que conhecer é sempre, sob alguma forma, agir sobre o mundo) e 4) as equilibrações processadas nas reestruturações internas. Essa complexidade e interconexão de fatores confirma a hipótese da "continuidade entre a evolução da vida e a da inteligência", abrindo, com isso, campo para a compreensão da correlação existente entre as formas de pensamento e a realidade exterior. Piaget fala em "isomorfismo estrutural entre o sistema das implicações conscientes e alguns sistemas de causalidade orgânica". E completa:

Esse isomorfismo da implicação consciente e a causalidade orgânica pode ser concebido como um caso particular das correspondências entre a dedução e a realidade material que caracterizam todo o círculo das ciências: suponhamos as estruturas lógico-matemáticas postas em isomorfismo suficiente com as estruturas orgânicas; depois explicadas causalmente de forma eficaz por uma físico-química 'generalizada' (...) até englobar o fato biológico. Essa físico-química só poderá ela mesma se tornar matemática e dedutiva, se apoiando assim, a título de ponto de partida, num ponto de chegada... É na perspectiva de tal círculo ou, se preferirmos, de tal espiral se alargando incessantemente que é

⁽³¹⁾ Cf. H. JAPIASSU, *Introdução ao pensamento epistemológico*, p. 54. É nessa relação de distanciamento sem significar separação, quebra, estranhamento, etc. que se coloca o problema do conhecer. "De uma parte, o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas. De outro lado, e, por conseguinte, se não há, no início, nem sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será pois o de elaborar tais mediadores. A partir da zona de contato entre o corpo próprio e as coisas eles se empenharão então sempre mais adiante nas duas direções complementares do exterior e do interior, e é desta dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos" (J. PIAGET, *A epistemologia genética*, p. 132).

conveniente situar os problemas das relações entre a vida e o pensamento⁽³²⁾.

Dessa confluência de estruturas, Piaget tira os argumentos que justificam a possibilidade do conhecimento. Diz ele:

Resta o problema das relações entre o sujeito e os objetos, assim como do acordo surpreendente das operações lógico-matemáticas e da experiência depois da causalidade física. Neste sentido a solidariedade da psicogênese e da biogênese dos instrumentos cognitivos parece fornecer uma solução quase que forçosa: se o organismo constitui o ponto de partida do sujeito com suas operações e elaborativas, nem por isso deixa de ser um objeto físico-químico entre os demais, e obediente às suas leis mesmo se se acrescenta a elas novas leis. É, portanto, pelo interior mesmo do organismo e não (ou apenas) pelo canal das experiências externas que se faz a junção entre as estruturas do sujeito e as da realidade material. Isto não significa, de modo algum, que o sujeito tenha consciência disso nem que ele compreenda a física quando age manualmente, quando come, respira, vê ou escuta; mas isto equivale a dizer que seus instrumentos operatórios nascem graças à ação, no seio de um sistema material que determinou suas formas elementares. Também não significa que estes instrumentos sejam limitados previamente e submetidos à matéria, visto que abrindo-se sobre o mundo intemporal dos possíveis e do inobservável eles a ultrapassam de todos os lados. Mas isto traduz o fato de que lá onde o apriorismo era obrigado a recorrer a uma harmonia 'preestabelecida' entre o universo e o pensamento (...), trata-se em realidade de uma harmonia 'estabelecida' e até muito progressivamente por um processo que tem início desde as raízes orgânicas e se prolonga indefinidamente.⁽³³⁾

Isso, porém, não resolve toda a problemática epistemológica; falta discutir as garantias da objetividade. Esta, que é a segunda condição do conhecimento, preserva o conhecimento dos riscos dos maus procedimentos de investigação e das intromissões culturais de toda a ordem que, constantemente, buscam se imiscuir nos assuntos da ciência. "(...) A verdade não adquire seu

⁽³²⁾ J. PIAGET, *Problemas de psicologia genética*, p. 422.

⁽³³⁾ J. PIAGET, *A epistemologia genética*, p. 165.

valor próprio senão encarnando-se em regras necessárias de verificação⁽³⁴⁾, por um lado; e, por outro, ao controle coletivo sobre as experiências individuais. É preciso que o processo do conhecimento, para ser científico, percorra o caminho da "verificação mediante o cálculo ou a técnica acessível a todos⁽³⁵⁾". Mesmo quando se trata de verificar objetos psíquicos, como as intuições, os cientistas cuidam para que "o sujeito que estuda essa intuição não seja sempre o mesmo que aquele que a experimenta⁽³⁶⁾". Obedecido esse critério, é certo que o resultado da atividade cognitiva está a salvo das especulações subjetivistas do pesquisador e das ingerências filosóficas, teológicas e ideológicas que certos grupos sociais possam querer inserir no trabalho do cientistas. Enfim, o controle exercido pelas comunidades científicas sobre o trabalho experimental, possível justamente porque permite a repetição da experiência (executada por pessoas e entidades diferentes), é a garantia da objetividade do conhecimento.

4 O positivismo melhorado de Piaget

É certo que não se pode inserir Piaget no rol dos pensadores positivistas *stricto sensu*. Nem dos neopositivistas. Ele próprio é o primeiro a estabelecer as diferenças que mantém com essas formas de pensamento. Em inúmeras passagens da obra *Sabedoria e ilusões da filosofia*, o autor procura traçar uma linha divisória entre seu pensamento e o positivismo. Estuda fatos, é certo, mas nem por isso se considera empirista ou positivista. Sua defesa consiste nas seguintes razões:

a) o positivismo "é uma certa forma de epistemologia que ignora ou subestima a atividade do sujeito em proveito unicamente da constatação ou da generalização das leis constatadas: ora, tudo o que encontro mostra-me o papel das atividades do sujeito e a necessidade racional da explicação causal."⁽³⁷⁾ Em outro trecho, Piaget refere uma descoberta,

⁽³⁴⁾ J. PIAGET, *A epistemologia genética*, p. 272.

⁽³⁵⁾ *Ibid.*, p. 248.

⁽³⁶⁾ *Ibid.*, p. 268.

⁽³⁷⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p.206.

feita muito cedo em sua vida e e jamais abandonada, como forma de desembaraçar-se das malhas do positivismo: "todo o organismo [possui] uma estrutura permanente, que se pode modificar sob as influências do meio mas não se destrói jamais enquanto estrutura de conjunto, [assim] todo conhecimento é sempre assimilação de um dado exterior a estruturas do sujeito."⁽³⁸⁾

b) "... O positivismo é especificamente uma doutrina do fechamento da ciência à qual quer delimitar fronteiras definitivas, enquanto que, para os cientistas não positivistas, a ciência é indefinidamente aberta e pode abordar qualquer problema desde que se encontre um método que realize o acordo dos pesquisadores."⁽³⁹⁾

c) tratar com a positividade do real não é ser positivista. Com efeito, o fato é 1) uma resposta a uma questão, 2) uma constatação ou *leitura da experiência* e 3) supõe interpretações implícitas e explícitas que asseguram a sua compreensão.⁽⁴⁰⁾

Quanto às suas diferenças com os neopositivistas que, sustentando como conhecimento verdadeiro somente os enunciados empiricamente válidos, delegam à filosofia apenas a análise lógica da linguagem praticada pelas ciências ou mesmo da linguagem em geral, Piaget sustenta que o neopositivismo apresenta três falhas principais: 1) a de limitar a ciência a um certo conjunto de problemas considerados *científicos* (a ciência contemporânea, alega, está aberta a todo e qualquer problema que encontre método para tratá-lo); 2) a de taxar as questões metafísicas como *sem significação* para o conhecimento (a metafísica tem sua importância para a existência humana; além do mais é arbitrária a delimitação dos problemas metafísicos - eles poderão não ser no

⁽³⁸⁾ Ibid., p.200.

⁽³⁹⁾ Ibid., p.206.

⁽⁴⁰⁾ Cf. Ibid., p. 276 e 278.

futuro); 3) o de não considerar certos problemas que, mesmo não tendo importância cognitiva, têm significado humano sempre atual (o sentido da vida, a finalidade).⁽⁴¹⁾

Em que pese essa defesa de si mesmo feita por Piaget, no sentido de marcar sua distância com relação ao positivismo, não há dúvida de que, epistemologicamente, movimenta-se na mesma esfera traçada pelo empirismo dos séculos XVII e XVIII e retomada pelo pensamento positivista do século XIX. Suas diferenças são apenas acidentais, não de substância. Hilton Japiassu é muito claro a esse respeito:

embora a epistemologia de Piaget seja uma tentativa de superar o positivismo sob todas as suas formas, não podemos negar que ela se inscreve no prolongamento da tradição positivista que, no domínio da teoria do conhecimento, pretende elaborar uma 'ciência da ciência' ou uma 'ciência' da organização do trabalho científico, batizando com o nome de 'epistemologia científica' esta teoria do conhecimento preservada de toda contaminação filosófica.⁽⁴²⁾

Por sua vez, Robert Blanché define a posição do neo-positivismo e do empirismo lógico como pensamentos que "reservam ao conhecimento científico o nome de conhecimento, sendo tudo o resto considerado como puro jogo verbal sem significado cognitivo."⁽⁴³⁾ Ora, Piaget é um militante dessa posição que reserva à ciência as prerrogativas do conhecimento, como se viu alhures, estabelecendo, em vista disso, um estreito parentesco também com os neo-positivistas e com os empiristas lógicos.

Em vários pontos de sua obra *Sabedoria e ilusões da filosofia*, Piaget, no intuito de negar à filosofia o estatuto de conhecimento⁽⁴⁴⁾, reafirma a verifica-

⁽⁴¹⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 222-223.

⁽⁴²⁾ H. JAPIASSU, *Introdução ao pensamento epistemológico*, p. 58.

⁽⁴³⁾ Robert BLANCHÉ, *Epistemologia*, p. 18.

⁽⁴⁴⁾ J. PIAGET, *Sabedoria e ilusões da filosofia*, p. 191, p. 221, p. 275.

ção experimental e a dedução regulada como únicos caminhos que levam à verdade, ao conhecimento efetivo. Com isso, Piaget se esquivava de fazer uma séria análise da epistemologia no campo das ciências sociais, cujo estatuto epistemológico é necessariamente diferenciado do das ciências físico-naturais, em virtude da diferenciação ontológica do ser que investiga. Este é, por certo, o principal problema da epistemologia piagetiana e o aspecto que a faz aproximar-se decisivamente do positivismo. Quando se exige a todo e qualquer conhecimento verificação experimental e dedução regulada, como únicos e exclusivos critérios de validade, está-se operando o que Michel Löwy denomina de "homogeneidade epistemológica dos diferentes domínios". Interrogando-se sobre o conhecimento sociológico, escreve Löwy: "como o pesquisador em ciências sociais pode se colocar no estado de espírito do químico, se o objeto de seu estudo, o conhecimento da sociedade, é também objeto de um combate político acirrado, onde se enfrentam as ideologias, os 'preconceitos passionais', as concepções de mundo, os interesses sociais radicalmente opostos?"⁽⁴⁵⁾ O mesmo pode ser dito da história, da psicologia, da economia, etc. O ser social, para o positivismo, "pode ser epistemologicamente [assimilado] pela natureza (...) e ser [estudado] pelos mesmos métodos, *démarches* e processos empregados pelas ciências da natureza"⁽⁴⁶⁾. Muito próximo disso, o modelo investigativo de Piaget deriva, sobretudo, de suas pesquisas biológicas, que são também responsáveis por sua concepção ontológica, ou seja, quando Piaget fala em ontogênese e filogênese está tratando do desenvolvimento individual e social parametrados por estruturas biológicas. A concepção de estrutura, por sua vez, guarda o sentido de "um mecanismo inato, determinado e transmitido geneticamente, e que atua como força estruturante."⁽⁴⁷⁾ Nesse sentido, afirma Daniel de Sousa que a posição de Piaget "não é só naturalista, mas até apriorística, como resulta evidente da sua crença na capacidade isolada do indivíduo, natural e biologicamente potente em intelecto."⁽⁴⁸⁾ Estaria, aí, uma derivação

⁽⁴⁵⁾ Michael LÖWY, *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, p. 29-30.

⁽⁴⁶⁾ *Ibid.*, p. 17.

⁽⁴⁷⁾ M. LANE. In: Daniel de SOUSA, *Epistemologia das ciências sociais*, p. 140.

⁽⁴⁸⁾ Daniel de SOUSA, *Epistemologia das ciências sociais*, p. 140.

da idéia transcendental de Kant que, sob a denominação de estrutura, veio referir uma capacidade cognitiva *a priori*.

Há, por fim, nos postulados de Piaget, uma crença de que o juízo científico é essencialmente neutro, que tudo o que se passa de substancial no interior da ciência é originado *in loco*, ignorando sistematicamente as determinações sócio-culturais dos procedimentos e resultados da produção científica. O conhecimento objetivo dependeria, segundo esses argumentos, em última instância, de uma *boa vontade* do investigador, como sempre imaginaram os autênticos positivistas. Poder-se -ia opor a Piaget os argumentos da dialética (pensa-se especialmente em Lukács, Goldmann e Löwy), segundo os quais o "horizonte de visibilidade", ou o "grau de consciência possível" do investigador, está irrevogavelmente ligado à sua posição social (de classe). Então, notar-se-ia, uma vez mais, como bem refere Daniel de Sousa, que

o modelo genético-naturalista evita - o que só poderá ser por razões ideológicas - o complexo intelecto-social como única solução viável, porque tal complexo coloca o homem conhecedor dentro do mundo que lhe é próprio, como elemento interdependente e inter-relacionado com os outros homens e o mundo, e não como realidade natural, que só se justificaria na sua condição de bruto animal, em vez de fator de conhecimento.⁽⁴⁹⁾

Mas isso já não é propósito deste artigo, que pretende tão somente apresentar os aspectos básicos das discussões epistemológicas do pensador suíço e seu parentesco com o positivismo e com seus derivados.

⁽⁴⁹⁾ Ibid., p. 141.

Abstract

The purpose of this text is to present Jean Piaget's main arguments against the cognitive intentions of philosophy in behalf of an epistemology which may be up to the scientists and may deal exclusively with scientific knowledge. In it are sketched the criteria which, in the epistemic conception of the Swiss thinker, guarantee the possibility of knowledge and its objectivity. Finally, one tries to approximate this epistemic stance to the premises of positivism and its derivations.

Referências bibliográficas

- BLANCHÉ, Robert. *Epistemologia*. 3ª ed., Lisboa: Presença, 1983.
- HISTÓRIA do Pensamento (Vol. 4): *cultura contemporânea*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*, 6ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen*. 3ª ed. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- PIAGET, Jean. A epistemologia genética. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- PIAGET, Jean. Sabedoria e ilusões da filosofia. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- PIAGET, Jean. Problemas de psicologia genética. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- SOUSA, Daniel de. *Epistemologia das ciências sociais*. Lisboa: Horizonte, 1978.
- STEIN, Ernildo. Problemas do conceito de mundo-vivido em Husserl. *Revista Brasileira de Filosofia*, Vol. XXXIX, fasc. 157, jan/fev/mar 1990.